

xeque-mate, cavalheiro!

evie dunmore

Tradução de Rui Azeredo

*Dedicado à minha Tayta,
que liderou a dabkeh antes do seu tempo.*

Capítulo 1

Applecross, Escócia, julho de 1882

Num mundo governado por gente ruidosa, o sossego era um bem raro. Catriona estava disposta a pagar por isso e conhecia todas as formas de obter alguma solidão. O que não conseguia fazer era guardá-las nas suas veias para usar mais tarde — uma pena, pois esta noite, às sete, um estranho invadiria o seu lar.

Por ora, procurara refúgio nas águas frias de Loch Shildaig. O lago do seu lar de infância preencheu-lhe os ouvidos com o pesado silêncio de um túmulo. Deixou-se boiar de barriga para cima, o seu corpo branco despido a contrastar com as profundezas negras, os braços estendidos como se tentasse abraçar o amplo céu azul lá no alto. De vez em quando, uma onda passava-lhe sobre o rosto deixando um sabor salobro na garganta. Soubera ela que o pai convidara alguém para o espaço da família e teria pensado duas vezes antes de vir passar o verão a Applecross. Seria de assumir que um castelo remoto estaria livre das distrações omnipresentes em Oxford: amigas sociáveis. A causa sufragista. O embaraço prolongado de uma paixoneta não correspondida. Onde, senão aqui, poderia ela trabalhar em paz num livro?

A presença do visitante deixá-la-ia a sentir-se estranha na própria sala de jantar. Cumpriria o seu dever e desempenharia o papel de anfitriã, naturalmente. Aos vinte e cinco anos era conhecedora do protocolo: sustar o olhar, sorrir ao de leve e esquecer o seu próprio conforto. Fazer perguntas ligeiras sobre as viagens dele e planos de investigação, ao mesmo tempo que observava discretamente o prato e o cálice de vinho dele, na eventualidade de

os criados não anteciparem a tempo as suas necessidades. Ela tinha olho para o detalhe. Felizmente, isso era algo que faltava à maioria. Poucos conseguiam alguma vez ver as emoções detrás da máscara dela. Também o visitante não iria perceber que ela o queria à distância.

A brisa fez-se notar e gerou ondinhas por todo o lago, e o frio penetrou-lhe nos ossos, incitando-a a regressar. Nadou de costas com braçadas treinadas, a sua mente alheada pois o seu corpo conhecia de cor o trajeto para a margem leste. Ninguém visitava a pequena margem em forma de crescente onde ela deixara as roupas. O local estava escondido por uma rara extensão de bosque e apenas as ovelhas e o velho guarda de caça, Collins, conheciam o caminho, sendo que nenhum constituía ameaça para a filha de Alastair Campbell, Conde de Wester Ross.

Formou-se pele de galinha na sua pele molhada quando emergiu da água. Avançou em passada firme e lesta até ao limite do bosque. As suas roupas permaneciam estendidas sobre o pedregulho, seguras por um espesso volume de *Eneida*, de Virgílio. Com dedos húmidos, pegou no livro e nos óculos. A seguir reparou: a presença à sua direita. Paralisou.

Um homem.

Um homem bloqueava a entrada do carreiro na floresta.

Ela sentiu o estômago a gelar.

Segurou a *Eneida* diante das suas partes púdicas: os óculos tombaram no chão. Ele estava a cinco metros. A observá-la. O coração dela batia a mil. Ele já a vira... vira tudo. Virou-se de frente para ele com o vagar arrastado de um pesadelo. Os contornos dele eram indistintos, mas suficientemente conclusivos: ainda jovem, feições fortes, ombros amplos, mas elegantes, num casaco à medida — tinha a constituição de um lutador. Nada bom. *E ele ainda estava a olhar.* Com uma expressão de espanto amadurecida. Como se tivesse atravessado inesperadamente as portas de uma catedral e se tivesse sentido emboscado pelas alturas estonteantes e pelo sabor empoeirado do eterno. De certa forma teria descansado Catriona, só que havia um par de binóculos no peito dele. Uma ardência intensa tomou-lhe a cabeça.

— O que pensa que está a fazer? — questionou ela de pronto, as palavras jorrando frias e tensas.

O homem despertou como quem é libertado de um feitiço. Virou a cara.

— É... uma mulher — comentou, soando algo espantado.

— Que observação astuta, meu caro senhor — disse ela, incrédula.

Ele fez um ruído na garganta, como um risinho abafado.

A pulsação a soar-lhe nos ouvidos quase lhe abafou os pensamentos.

— É claro que isto o diverte — frisou ela. — Nada mais seria de esperar, além de humor reles, da parte de alguém que cobardemente espreita às escondidas.

Ele contorceu-se, como se lhe custasse imenso não rodar a cabeça na direção dela.

— Eu não estava... a espreitar.

— Então, ao caminhar pelo cume não me viu na água, pegou nos binóculos para se assegurar de que era uma mulher despida e depois desceu às escondidas pela floresta para me espiar?

O tom dela endureceu a cada palavra e no final da frase ele já deveria jazer no chão, cortado às fatias. Mas permaneceu bastante intacto, embora um pouco atordoado. Inclinou ligeiramente a cabeça para trás com uma gargalhada suave.

— Parece-me demasiado trabalho só para ver uma mulher despida — frisou. — É bastante encantadora, menina — acrescentou —, mas não é nada que eu nunca tenha visto.

Ela sentiu as faces a arder como se tivesse sido esbofeteada.

— Então — girou ela —, porque é que ainda aí está parado?... Oh!

O arquejo de espanto dela levou-o a olhar no preciso momento em que uma forma translúcida voou na direção dele numa rajada de vento fresco. Que diabo...? A roupa interior solta dela, fina como teias de aranha, fora levada pela brisa.

— Caramba. — Ela lançou-se para a frente e com uma palmada prendeu uma meia. Olhou rapidamente de esguelha. O homem endireitava-se depois de se ter agachado, segurando a sua camisola interior, como se a tivesse apanhado no ar como um gato. A seguir olhou para as pantalonas dela — tinham aterrado num arbusto e só podiam ser as pantalonas por haver fitas cor-de-rosa desfocadas, a fazer uma dança picante.

— Não toque nisso — disse ela ofegante.

Ele ergueu os braços sobre a cabeça.

— Não toco.

A camisola dela agitava-se na mão dele como uma bandeira branca.

— Agora tem mesmo de ir embora — sugeriu ela com os dentes cerrados.

— Sem dúvida — concordou. — Esteja descansada.

Deu a volta, pareceu observar a árvore mais próxima, e depois, com destreza, amarrou a camisola interior dela ao tronco com os seus cordões decorativos.

— *Voilà* — disse ele, abrindo os dedos. — Nunca mais me verá na vida.

Sem olhar para trás, avançou para a floresta numa passada descontraída.

— Cada vez mais longe — disse ele, depois de a sua forma elegante desaparecer para lá da curva.

Ela manteve-se curvada sobre o pedregulho, mal conseguindo dominar o choque que lhe tomara a garganta. O carreiro permaneceu vazio e a floresta em silêncio, como se o homem nunca tivesse ali estado. Oh, mas era bem real. O seu olhar deambulante deixara um rasto ardente no corpo dela. Ela recusara debater-se e tapar os seios; ele já enchera os olhos e provavelmente sentir-se-ia ainda mais grato ao vê-la contorcer-se.

Ao fim de um momento apanhou os seus óculos. Tinham sobrevivido intactos à queda. Pô-los e surgiu-lhe à vista, no planalto na outra margem, o castelo de Applecross, com as suas velhas torres de pedra bem delineadas contra o céu límpido. Ela estava bem longe de casa, do outro lado do lago. Sentiu de repente uma vaga de energia e despachou-se a recolher a sua camisola interior da árvore. Que belo e perfeito laço atara o mirone, *voilà!* Seria seguro caminhar de regresso a casa? Poderia estar escondido entre as silvas e acabar por se lançar a ela. Voltou a fitar o castelo, a uns oitocentos metros do outro lado de uma superfície ondulante. Tomou rapidamente uma decisão: optou por arriscar com a água em vez de com o homem. De volta ao pedregulho, pousou a camisola interior e pegou antes no xaile que estava sob o vestido, enrolou-o na cabeça e prendeu-o com o seu alfinete de chapéu. Deu uma palmadinha a Virgílio a desculpar-se.

— Mais tarde venho buscar-te.

O lago envolveu-lhe o corpo como um grande punho frio.

Ao cambalear para a margem sob o castelo, sentia os braços e as coxas a arder com o cansaço. O planalto cercava a praia como um muro protetor, pelo que levou algum tempo a recuperar o fôlego. Embrulhada no tecido escocês, apressou-se a subir os degraus esboroados que o seu antepassado em tempos talhara na vertente rochosa. Vegetação por desbastar e uma casa rural a cair aos bocados ficaram para trás durante a sua corrida até às muralhas da fortaleza. Esgueirou-se pela porta lateral para a adega parcamente iluminada e depois subiu pela escadaria em espiral coberta de teias de aranha, um piso, dois, três. No último patamar empurrou a porta dos criados com o ombro e irrompeu no seu quarto.

Ecoou um grito.

MacKenzie pressionava o punho contra o peito, com o seu olhar de espanto fixo em Catriona como se fosse um dos fantasmas do castelo.

— Senhora, que susto me pregou.

Catriona passou em passo leve diante dela com os seus pés dormentes até à cadeira de baloiço com as *écharpes* de tartã. Sentou-se e enroscou-se nas mantas enquanto a sua antiga ama, agora criada pessoal, a observava com uma mão assente na anca robusta. Ao fim de trinta anos de serviço no lar Campbell, MacKenzie habituara-se ao seu comportamento notavelmente excêntrico, mas andar por ali envergando nada mais do que um xaile era um desenvolvimento novo e inaceitável. *Desculpe, MacKenzie*. Atravessar o lago com o peso acrescido de roupa interior encharcada teria sido demasiadamente arriscado.

Antes de MacKenzie a poder questionar quanto à sua roupa, Catriona perguntou:

— Sabe se o conde contratou algum novo guarda de caça?

A expressão de consternação de MacKenzie passou a preocupação.

— Um novo guarda de caça... — repetiu ela no seu sotaque cerrado. — Não sabia que tinha dispensado o velho Collins.

Catriona balançou ao ritmo da cadeira.

— Nunca o faria.

Nem o seu pai, pensou ela. Assim sendo, porquê os binóculos daquele homem?

Ela não sentia a cara. O quarto hexagonal no cimo da torre sul, apesar das tapeçarias grossas e dos amplos tapetes persas, nunca aquecia e o susto de ter sido observada ainda estava cravado no peito dela como um sincolo.

— Tem de se apressar — avisou MacKenzie, apontando com a cabeça para a bacia de cobre diante da lareira. O vapor circulava ociosamente no ar frio. — O convidado de sua senhoria já chegou.

— O quê... já?

O relógio junto à porta dos aposentos indicou que ainda nem eram três da tarde.

MacKenzie franziu os lábios.

— Ele chegou mais cedo. Pobres modos, se o posso dizer... anda toda a gente à nora. Mas o seu banho está pronto.

— Santo Deus — murmurou Catriona. Uma súbita alteração na sua agenda deixava-a no mínimo enjoada. — Oooh!... — disse então. — Oh, não. Oh, céus.

Sentiu-se muito fraca, como se o seu coração tivesse parado.

— *Dinna fash*¹ — ouviu-se a voz de MacKenzie ao longe. — O conde regressou há pouco, estava em casa dos Middleton... estão a separar-se, os

¹ «Não se preocupe», em escocês. (N. de T.)

Middleton, já soube? Mas sua senhoria está de volta e a entreter o jovem até ao jantar. Está tudo bem.

Tudo isto era fácil de dizer a MacKenzie, pois não estava a par do estranho no lago.

— Ele carregou nos «r» — murmurou.

— Hã?

— Ela enterrou o rosto nas mãos.

— Isso é mau.

— Se tomar banho agora, não tarda nada está pronta — disse MacKenzie no tom apaziguador a que recorria nos momentos mais complicados.

Catriona ergueu o olhar para ela, sentindo-se zozna.

— O nosso hóspede foi dar um passeio depois de ter chegado?

A matemática era terrível: dois estranhos no mesmo dia na remota Applecross era algo altamente improvável. Se ela não estivesse tão chocada, e tão convencida de que ele chegaria às sete, poderia ter-lhe ocorrido que isto iria acontecer.

— Não sei se o cavalheiro foi dar um passeio — respondeu MacKenzie. Abriu a gaveta de cima da cómoda, junto à lareira, para retirar um monte de toalhas. — Assim que a Mary me disse que ele estava aqui, preparei o banho e as suas roupas.

Enquanto MacKenzie estava de costas, Catriona levantou-se, largou o xaile e entrou no calor da banheira.

— Como é que ele é? — obrigou-se a perguntar.

MacKenzie pousou as toalhas no tamborete junto à banheira e endireitou-se com um leve gemido.

— Não o vi — esclareceu. — A Mary disse que trouxe um baú cheio de vinho e que ele próprio o carregou desde a carruagem.

Ela devia ter feito perguntas sobre o homem quando o conde anunciou o visitante, só que, frustrada com a novidade, não o fez. Sabia que era especialista em alta-cultura fenícia do Levante, mais precisamente do Monte Líbano, com vários semestres em Cambridge entre as suas credenciais. Era um dos inúmeros académicos internacionais interessados num intercâmbio com Oxbridge e, pelos vistos, precisamente a pessoa de que Wester Ross necessitava para o ajudar a catalogar alguns dos artefactos orientais em Oxford. *Voilà*. E se ele disse *wallah* — árabe —, e não *voilà* — francês —, e no calor do momento ela percebeu mal? Deveria ter percebido mais cedo. *Wallah, nunca mais me verá na vida*. Bem, bem, logo veriam.

— Que dia — desabafou ela num tom monocórdico.

— Volto daqui a meia hora para ajudá-la a pentear-se — anunciou MacKenzie. Encaminhou-se para a porta com um leve coxear que sem dúvida não tinha antes.

Catriona ficou a observar isso mesmo enquanto os passos de MacKenzie se iam afastando, momentaneamente abstraída da sua situação escandalosa.

Enquanto o seu pai dispensava tempo e atenção a receber os seus hóspedes académicos, o castelo desmoronava-se à volta deles, as ervas a conquistar terreno, e as pessoas encarregues da manutenção eram cada vez mais atormentadas pelas suas próprias enfermidades. Uma tentativa de venda de terras ao vizinho barão Middleton, que poderia ter aliviado a tensão na bolsa de Campbell, caíra na primavera. Não era de admirar que ela tivesse as unhas roídas até ao sabugo. Cabia ao conde e a ela a responsabilidade de administrar Applecross, mas eram ambos terríveis no que tocava a gerir os administradores e os contabilistas. Por norma justificavam a sua incapacidade com o seu brilhantismo intelectual — quem tinha tempo para olhar para um livro-razão se podia estar a produzir conhecimento ou a desenvolver os direitos das mulheres? Mas ultimamente ela andava a falhar nisso, no brilhantismo. Na sua escrivaninha sob a janela impunha-se uma pilha de livros. Já os lera de uma ponta à outra em busca de inspiração. Depois de ter sido coautora com Wester Ross de inúmeros artigos, entusiasmara-se com a ideia de finalmente escrever um livro assinado em nome próprio, sobre um tema da sua escolha, mas uma estranha branca instalara-se no ponto onde deveria estar a paixão. Escrever sem essa paixão era como espremer água de uma pedra; passaram-se semanas e o seu poço permaneceu seco. Não lhe sobrava qualquer desculpa nobre para permitir que Applecross caísse na ruína.

Agarrou na toalha e passou-a pelos braços e o pescoço. Aplicou uma boa esfregadela ao seu peito desavergonhadamente cobiçado. Não era magra, nem voluptuosa, mas os seios eram bastante grandes em relação à sua constituição. Vestidos lisos serviam para disfarçar. Agora, um homem sabia. No mamilo esquerdo, o seu *piercing* de prata captou o brilho rubro do fogo na lareira. Terá ele reparado na íntima peça de joalheria? Por uns momentos, a sua mão demorou-se na curva molhada e quente do seu seio. Expirou e enfiou a cabeça debaixo de água.

Quando desceu ao rés do chão, uma hora mais tarde, o seu cabelo preto ainda se encontrava húmido. Prendera o seu coque com tal rigor que até lhe doía o escalpe, mas mal o sentia assim que a verdade se abateu sobre ela. Ao ouvir o som de vozes masculinas provenientes do estúdio do pai, sentiu

um vazio no estômago. *Sorri, como está?* Com o coração aos pulos, entrou no estúdio. O seu pai encontrava-se à esquerda diante da estante de livros embutida na parede e a sua constituição alta ocultava bem o hóspede do outro lado. Ambos os homens tinham as cabeças curvadas sobre um livro aberto nas mãos do conde.

O pai virou-se para ela e, num gesto habitual, retirou os óculos.

— Ah, Catriona. Que prazer. Não contava contigo antes do jantar.

— Pai. — Soou em falso. O estranho junto ao ombro do conde tinha cabelo escuro encaracolado. Ainda jovem. Ombros largos, mas elegantes.

O conde desviou-se para o lado.

— Posso apresentar-te o nosso convidado? Este é o senhor Elias Khoury. Senhor Khoury, a minha filha, *Lady Catriona*.

A surpresa do estranho exerceu uma pressão palpável na pele dela. Sentiu os olhos em brasa. Trocaram olhares fugazes, como se olhar devidamente um para o outro pudesse incendiar a sala como um fósforo inflama um gás explosivo.

Com o silêncio a eternizar-se, o conde olhou de um para o outro.

Elias Khoury assentou a mão direita sobre o coração.

— Minha senhora.

A voz dele soou rouca. A dela sumira, com a sua garganta cingida. Assim que os olhares deles se ligaram, um velho reconhecimento atingiu-lhe a barriga como uma onda de choque. Os olhos dele eram como o céu ao encontrar-se com o mar escocês, um mosaico líquido de azuis e verdes, raiado a dourado num padrão estrelado. Nas suas profundezas cintilava, inconfundivelmente, uma centelha. A centelha. Já se deparara antes com ela, em três ocasiões, para ser precisa, alojada em três formas humanas distintas. A cada vez causou-lhe sofrimento. Agora deu outra vez com ela, na forma do novo colega do seu pai. Em nada ajudou que fosse atraente — barbeado, pele bronzeada e macia, com uma simetria nas suas feições angulares que teriam deleitado um Da Vinci. *Certamente* que não ajudou que já tivesse posto as mãos na roupa interior dela.

Capítulo 2

Os conhecimentos dele sobre tradições escocesas eram escassos, mas quaisquer dúvidas que Elias pudesse alimentar tinham desaparecido: a *selkie* não era uma *selkie*.² A criatura fascinante do lago era uma mulher, nitidamente horrorizada por o ver, e a filha do professor universitário que ele pretendia cativar. Fantástico. De início desviou o olhar, como se ela ainda se não encontrasse devidamente tapada. Como se isso pudesse fazer com que ele deixasse de ver... curvas. Pele a cintilar como o luar. Cabelo preto molhado, a cair em cascata emaranhado até às ancas bem formadas. Ele sentiu a nuca quente e a pulsar como se se tivesse ferido. Catriona. Ela era real. Estava *aqui*. E ele não podia apagar qualquer das palavras que proferira. *Não é nada que eu nunca tenha visto*. Santo Deus.

— O senhor Khoury vem muito bem recomendado pelo professor Pappas — revelou o professor Campbell, ignorando por completo o ambiente desconfortável que tomou o gabinete. — Ficará encarregado de classificar as peças do Leighton no Ashmolean.

Lady Catriona expirou sonoramente. Um sorriso superficial formou-se no seu rosto branco.

— Como tem passado, senhor Khoury? — O tom dela soou bastante natural, como se não tivesse já travado conhecimento com ele. O nome dele rolou sem esforço da sua língua. — Espero que a sua longa viagem tenha decorrido sem sobressaltos.

² *Selkie* é uma criatura mitológica presente no folclore escocês. (N. de T.)

— Demasiado pacata, temo dizer — respondeu num tom igualmente neutro. — Cheguei demasiado cedo, o que poderá ter sido um transtorno para o vosso pessoal. As minhas desculpas, minha senhora.

O maxilar dele estava tenso. Se ela sussurrasse uma palavra que fosse ao seu pai, a missão dele aqui terminaria antes de começar. Ela era difícil de interpretar, permanecendo ali inabalável como se não passasse de uma coluna de pedra. A ninfa desaparecera. Um par de óculos redondos empoleirado no seu nariz delicado. As suas feições eram regulares e comuns, a não ser pela sua tranquilidade, o que lhe dava um ar estranhamente intemporal. Com o seu vestido cinzento de gola alta, e com o risco do cabelo negro tão preciso como se talhado por uma faca, era a imagem perfeita de uma solteirona estudiosa britânica. Atraente, para quem apreciasse mulheres distantes e invisíveis. O que, até à data, nunca fora o caso dele.

— Eu estava nos Middleton quando o senhor Khoury chegou — contou o conde à filha. — Imagina só.

— Oh, céus — disse ela. Os seus olhos pareciam de vidro, brilhantes mas inexpressivos. — Espero que tenha encontrado formas de se entreter, senhor Khoury.

— Ele desenrascou-se sozinho — disse o professor, só então fechando o livro sobre mosaicos bizantinos que estivera a mostrar a Elias. — Foi dar um passeio a pé para explorar as cercanias. Ao que parece, é um ávido apreciador de aves.

— Que encantador — comentou *Lady* Catriona num tom brando.

Elias uniu as mãos atrás das costas e disse o que deveria ter dito três horas antes.

— Tinha a esperança de avistar uma águia-rabalva, a caçar sobre o lago.

— Ah, infelizmente estão extintas, mesmo tão a norte como Applecross — indicou o professor Campbell com a testa franzida. Em contraste com a sua filha, o rosto do conde movia-se e era expressivo. As rugas que se espalhavam dos cantos dos seus inteligentes olhos cinzentos indicavam que tinha o hábito de sorrir e estreitar a vista. — Não cheguei a perguntar-lhe se tinha avistado algo de interessante.

A postura da senhora tornou-se tensa como um arco a postos para disparar flechas.

— Não — respondeu Elias. — Pelo menos, nada digno de nota. Alguma coisa que pudesse ter visto, por certo já teria esquecido.

O conde pestanejou.

— Hum. Bem, fez uma longa viagem. Quatro dias, ou cinco?

— Cinco, até à Grã-Bretanha, caro senhor. Mais dois até Applecross.

— Isso é uma semana inteira. Baralha a cabeça. Prefere esperar até ao jantar na sala de fumo? As minhas coleções estarão ainda aqui quando se sentir repousado. — O conde apontou com a cabeça para a estante, recheada com tomos amarelecidos sobre eras idas do Levante.

Fumar seria relaxante e iria cair-lhe bem, mas um verdadeiro erudito provavelmente daria prioridade a espreitar para livros antigos, e como tal Elias disse:

— Nunca me sentiria demasiado fatigado para um livro sobre impérios romanos.

Os olhos de Wester Ross iluminaram-se de imediato.

— Concordo em absoluto. — Surpreendeu Elias ao virar-se para a senhora. — Importas-te de te juntar à conversa? Mosaicos de parede bizantinos, século VI.

Ela abanou de imediato a cabeça, mas os seus lábios moveram-se, sem gerar som por um momento, antes de soltarem as palavras:

— Tenho de trabalhar no meu livro.

— Muito bem — disse o professor. — Dedicar-te a isso.

— Vou dizer à Cook que traga um lanche — anunciou ela, com o seu olhar a deslizar cautelosamente para Elias. — Prefere chá ou café, senhor Khoury?

Algo com álcool, por favor, porque toda a situação era ridícula. Ironicamente, tudo poderia ter sido evitado se ele não tivesse tentado ser pontual para mostrar que era fiável e de confiança. Dado que os Britânicos achavam que os povos do Oriente não respeitavam horários, indicou ao professor Campbell uma hora de chegada que dava margem de manobra para uns pequenos desastres durante a viagem. Tudo correria precisamente como programado e protagonizara uma entrada madrugadora como um prussiano excessivamente zeloso. A governanta andara de um lado para o outro como uma cabrita assustada. Depois a mulher nua, que afinal era a senhora da casa.

— Chá, por favor — respondeu ele, pois era o que teria escolhido o conde.

— Manda um bule, minha querida — pediu o conde.

A senhora baixou a cabeça. Elias deu por si a olhar para ela com demasiada atenção, como se os seus olhos tivessem cortado a ligação ao seu cérebro racional e tentassem reter a sua aparência triste antes de ela desaparecer. Ela retribuiu lançando-lhe um olhar inesperadamente cortante; perfurou o seu fato bem inglês com uma precisão cirúrgica, como se pretendesse estudar a sua anatomia interna, incluindo todos os seus esquemas e segredos. Por

uma fração de segundo, ele sentiu-se despido. Sorriu-lhe com bastante descaramento. Ela baixou de imediato as pestanas e as suas faces coraram. Partiu de pronto. O palavreado do professor Campbell não passava de um ruído de fundo indistinto. Como é que iam sentar-se à mesa a jantar ao longo de toda uma semana? Sem levantar suspeitas junto do conde? Ele bem poderia controlar-se, só um rapaz ou um tolo prejudicaria um negócio por causa de uma mulher, mas a senhora... ela era um poço de surpresas, imprevisível.

Mais tarde, ao dirigir-se para o jantar, Elias formou uma opinião sobre o castelo de Applecross. A propriedade era um típico exemplo de «dinheiro antigo» mal gerido, um quadro de glória empalecida própria de algumas das grandes famílias britânicas da atualidade. No seu quarto de hóspedes, o vento entrava diretamente através das janelas fechadas. As paredes de pedra despidas dos corredores libertavam um frio que se infiltrava nos ossos assim que chegava o inverno. E apesar de a decoração e o mobiliário serem robustos e caros, estava tudo um pouco empoeirado, um pouco estalado, um pouco desgastado nas beiras por já estarem a uso há um ou dois séculos. Numa mesa baixa no átrio principal via-se um tabuleiro de xadrez abandonado, a duas jogadas de um xeque-mate. Na sala de jantar, uma roda de carroça pejada de velas pairava sobre a mesa comprida, em vez de um candelabro. O lugar ainda tinha potencial, mas os residentes mal pareciam ter como se manter: o Conde de Wester Ross, um dos melhores eruditos europeus em arqueologia mediterrânica, estava a precisar de um barbeiro e o seu casaco de *tweed* cor de azeitona fora remendado em vários pontos. O seu ar ausente sugeria que nem repararia se os buracos das traças estivessem completamente à vista. No seu fato de jantar imaculadamente confeccionado, Elias estava vistosamente vestido com exagero junto ao seu anfitrião, mas apenas a nobreza rural tinha o privilégio de usar com impunidade casacos remendados — quem mais o fizesse seria tomado por gente humilde ou pobre.

Lady Catriona encontrava-se sentada em frente a Elias, embrulhada num velho xaile axadrezado e num estoico silêncio, com o seu rosto pálido banhado a dourado pela luz noturna. Não foi propriamente surpresa que ela se tenha juntado a eles em vez de se fingir indisposta. No lago enfrentara-o com a coragem fatalista de uma rainha no limiar de uma batalha.

— Está a apreciar a Escócia, senhor Khoury? — quis saber o conde. Estava instalado à cabeceira da mesa, à esquerda de Elias, e comia a sopa com um apetite voraz.

— Estou a apreciar bastante — respondeu Elias. — Na minha terra natal vejo o mar desde as montanhas... tal como aqui, em Applecross.

— Mmm. — O conde anuiu com a boca cheia. — Então, aqui deve sentir-se em casa.

Ele não iria tão longe.

— Quando vinha a caminho da sala de jantar vi ali uma bandeira jacobita? — preferiu perguntar. — Numa moldura sobre a escadaria principal.

— Ah! — Wester Ross pareceu agradado. — Bem visto. Não diga nada aos ingleses. Ou aos nossos companheiros Campbell.

— O meu conhecimento da história escocesa é limitado — referiu Elias. Tudo o que sabia saiu de um livro que adquirira à pressa em Marselha a caminho de cá. Se tivesse passado à frente o capítulo sobre crenças marinhas e *selkies* poderia não ter ficado espedado a olhar como um perverso para a bem torneada filha do conde. Aclarou a garganta.

— Pensei que os Campbell tinham declaradamente apoiado o governo contra as revoltas jacobitas.

— E assim foi — disse o conde. — Todavia, dois líderes Campbell juntaram-se aos jacobitas e a minha família descende de um deles. Penso que será por isso que chamamos lar a esta península ventosa, e não a um lugar grandioso de Argyll. — Riu-se à socapa. — Ora bem, a bandeira é da primeira sublevação, tem quase 170 anos. Guardámo-la. É o apreço inato de um arqueólogo por peças do passado, calculo... e — olhou para Elias sobre o rebordo dos óculos — um lembrete dos problemas entre as gentes das Terras Altas. Virarem-se uns contra os outros quando temos já à porta um inimigo maior? Não repitas erros insensatos, diz a bandeira.

Elias pensou se o conde e a filha seriam católicos, como os jacobitas. Sentiu cautelosos olhos azuis a incidir nele, furtivos como patas de um gatinho. A sua pele aqueceu ao ter tal consciência. Espreitou na direção dela, o seu olhar a roçar o dela tão cauteloso como pontas de dedos a testar o calor de um fogareiro.

Lady Catriona cingiu mais o seu xaile em redor dos ombros.

— De onde é, no Monte Líbano, senhor Khoury? — questionou.

Ela dominava a arte de mirar alguém evitando o olhar contrário por uma unha negra.

— De Zgharta — respondeu ele. — Uma aldeia montanhosa a duas horas da costa, de Trípoli.

Ela assentiu como se conhecesse a geografia.

— Partiu de Trípoli?

— Não, fui de Beirute para Marselha. De lá, comboios, carroças e depois um *ferry* para Dover.

— A sua viagem foi afetada pelo ataque em águas egípcias?

Era raro ele não saber o que dizer, mas aconteceu-lhe agora.

— A marinha britânica começou a bombardear Alexandria — acrescentou ela, interpretando erradamente o silêncio, dado que ele a entendera muito bem.

— A minha viagem não foi afetada — esclareceu ele por fim.

Discutir política à mesa de estranhos era tabu e foi surpreendente que ela o tenha ignorado. O que melhor representava uma senhora britânica que não o seu domínio imaculado da etiqueta? Ela, na verdade, por momentos pareceu desiludida, como se tivesse desejado que ele alinhasse. Ela pegou na sua colher e dedicou-se à sopa. Ele bebeu algum vinho para não dizer algo imprudente para lhe recuperar a atenção.

— Ainda bem que trouxe uma caixa cheia deste *vintage* — venceu o professor. — Um excelente tinto. — Ergueu o copo na direção de Elias. No velho cálice de cristal, o vinho brilhou como rubis líquidos. — De que adegas é que me disse que era?

— Château Ksara. Em Beca.

Lady Catriona ainda não tocara no seu copo.

— Catriona, ouviste dizer — disse o conde — que encontraram uma prensa de vinho de tamanho industrial perto de Sídon, em Tell el-Burak? Fenícia. Tem quase 3000 anos.

Ela ergueu o olhar.

— Sim, eu li o artigo.

— Não deixa escapar nada — comentou o conde a Elias, o olhar a cintilar de orgulho. — Também nunca esquece nada.

Nitidamente, reconhecer a erudição da filha lisonjearia o conde. Elias aproveitou a oportunidade para a mirar impunemente.

— Minha senhora, hoje referiu que está a trabalhar num livro.

Ela ficou visivelmente tensa.

— *Aye*.

Continuou a levar colheradas de sopa à boca até o pai perguntar:

— Tens avançado?

Ela cingiu os lábios.

— Preciso de um pouco mais de tempo.

— Sobre o que está a escrever? — insistiu Elias.

— Ainda não sei — respondeu ela num tom neutro. — Não sei sobre o que escrevo.

— Uma boa ideia leva tempo a amadurecer — explicou o conde. — Se se

colher o fruto demasiado cedo revela-se duro e sem sabor. — Voltou a encher o copo. — Nesta casa apoiamos a genuína exploração académica e cogitar e filtrar faz parte do processo, apesar de aos olhares desconhecedores poder parecer ociosidade. Não concorda, senhor Khoury?

— Sem dúvida — respondeu este, acrescentando, para desviar a atenção dos seus processos inexistentes: — Já alguma vez escreveu um livro, *Lady Catriona*?

— Nem um — respondeu ela com uma calma forçada.

Os seus olhos estavam escondidos por detrás do ardente reflexo das velas nos seus óculos. Talvez *fossem* os olhos dela a lançarem-lhe chamadas.

— Nem um? — O conde fitou-a com uma sobrancelha franzida. — Escreveste uma antologia completa.

— Escrevi?

— Sim, aquela sobre mulheres em posições de poder.

— Papá, não cheguei a terminá-la.

— Curioso... devo ter esquecido.

A expressão estoica dela suavizou-se.

— Bem — disse ela —, anda preocupado com coisas mais importantes.

— O tempo passa tão depressa que às vezes esqueço.

Lacaios afastaram-se das paredes e recolheram taças vazias. As portas principais abriram-se e chegaram outros dois criados com o prato seguinte. Uma corrente de ar percorreu o salão até voltarem a partir. Por momentos ninguém falou, sendo o silêncio interrompido apenas pelo tilintar de pesados talheres de prata nos requintados pratos de porcelana, a abertura e o fecho de terrinas, a rolha a saltar de outra garrafa de vinho. Elias educadamente elogiou as pernas de cordeiro suavemente temperadas.

— Sirvam-se de mais — insistiu o conde. Observou a filha, que extraía mecanicamente carne de um osso com a sua faca. — Não chegaste a concluir a tal antologia — disse ele. — Já me lembro, mas ainda me escapa o motivo.

Lady Catriona pousou os talheres e estendeu a mão para o cálice de vinho. O xaile abriu-se à frente, revelando um decote baixo, quadrado, e os traços elegantes com abas das suas clavículas. Elias ergueu os olhos para a parede atrás dela e focou-os no retrato de um escocês carrancudo. Imaginou ouvir a suave garganta dela a laborar ao engolir. Estava esticado numa grelha de tortura resplandecente, onde a tentação da sua bela pele o puxava para um lado e as regras de etiqueta para outro.

— O livro não tinha interesse — disse ela por fim. O seu cálice encontrava-se quase vazio.

— Ora, ora — protestou o pai —, o teu trabalho é sempre excelente. Porque não dar-lhe uma conclusão, em vez de iniciar algo novo?

— Pai, não entediemos mais o pobre senhor Khoury com os meus empreendimentos académicos fracassados.

— Nunca me entediaria consigo — disse Elias. *Raios*. — Com as suas conversas.

A senhora bufou ao de leve.

— Muito bem — disse ela. — Há uns anos comecei a esboçar uma antologia sobre mulheres poderosas desde a antiguidade.

— Mulheres poderosas? — repetiu ele. — Tais como...?

Ela ergueu ao de leve o queixo num desafio silencioso.

— Tal como Elissa de Cartago.

— Ah... — disse ele pesarosamente. — Uma princesa fenícia.

— Escrevi o livro com a intenção de apoiar o sufrágio feminino — prosseguiu ela.

— Nesta casa somos sufragistas — explicou o conde. — Defendemos o voto para as mulheres e que sejam iguais aos homens em todas as esferas da vida, em particular no casamento.

O descuido da filha em falar de política à mesa das refeições era então encorajado pelo pai. Pessoalmente, Elias teria encaminhado a conversa de volta para assuntos adequados, como vinho ou o estado do tempo, mas em Roma...

— Os nossos opositores argumentam que as mulheres devem ser mantidas afastadas da esfera pública, permanecendo quietinhas em casa por serem demasiadamente emotivas e irracionais para se governarem sozinhas, quanto mais governarem o destino de uma nação — prosseguiu *Lady* Catriona. — Pensei, com muita ingenuidade, que se houvesse provas suficientes, preto no branco, de que as mulheres foram líderes e académicas capazes ao longo de milénios não restariam bases para tais argumentos.

— Mais do que ingénuo, parece-me lógico — venceu Elias.

Um sorriso desprovido de humor curvou os lábios dela.

— O problema, senhor Khoury, é que as pessoas não se interessam por lógica ou factos, quando isso se atravessa diante das suas conveniências e convicções. Depressa percebi que demasiados maridos britânicos se sentiriam grandemente incomodados com a presença de uma igual no seu próprio lar. Iriam repudiar o meu trabalho.

Ela irradiava agora uma intensidade discreta, atraindo o olhar como se fosse o único ponto brilhante numa sala escurecida.

— Não pode prever que mentes o seu trabalho poderá afetar — disse ele.

— Possivelmente — reconheceu ela. — Mas o passado é um bom modo de prever o futuro. O problema não é uma falta de provas das capacidades das mulheres, mas antes a falta de vontade de reconhecer os nossos contributos. Está a ver, as mulheres já são um objeto de estudo popular. Eruditos masculinos sentem-se bastante obcecados por nós. Teriam as mulheres alma, questionavam-se na Grécia Antiga, e ainda se questionam se somos capazes de raciocinar, se estes seres humanos que não são homens servem para algo mais para lá da procriação.

Elias engasgou-se ao de leve com a própria saliva.

— Tanta teoria e adivinhação — disse ela encolhendo os ombros —, quando, em vez disso, poderiam simplesmente perguntar-nos e ouvir o que as mulheres têm a dizer. Mas isso seria demasiado radical, calculo.

Ele pigarreou, mas a sua voz ainda soou rouca:

— Tem os homens em muito pouca conta.

Ela inclinou a cabeça, como se refletisse nas palavras dele.

— Não — acabou por responder. — Acho a espécie humana, no seu todo, uma grande desilusão.

Ele deixou escapar uma gargalhada.

— Misanthropia igual para todos — disse ele —, justo e correto.

Ele abanava a cabeça na direção dela, intrigado e perturbado. A intenção dela era repeli-lo. *Já te choquei?*, revelava o olhar dela. As faces dela coravam e o seu lábio inferior carnudo estava manchado a vermelho com vinho Ksara. O coração dele bateu com demasiada força contra o peito. A mulher do lago regressara. Era um rio montanhoso no inverno, uma queimadura de frio, uma corrente poderosa sob uma superfície calma. Um homem poderia dar por si em águas agitadas se a tentasse navegar sem um plano. Era uma pena ele ter uma urgência inata em descobrir soluções para um desafio. Fixou o seu olhar no dela.

Não te esforces, foi a mensagem dele. *Não sou ameaça para ti*. Ele iria sonhar com o corpo dela no futuro previsível, mas não ia chamar as atenções, e de qualquer modo ela não era nada adequada...

— Maravilhoso — comentou o conde, com a sua voz a estilhaçar a crescente tensão como um ribombar de trovoada —, uma conversa muito estimulante.

Repentinamente, Elias percebeu que se inclinava na direção da senhora e que também as suas mãos assentes na mesa deslizaram nessa direção.

— Apreciamos uma boa discussão ao jantar — prosseguiu Wester Ross — e é raro ver a minha filha tão descontraída com os convidados.

O homem estava tão entusiasticamente enganado que as engrenagens no cérebro de Elias por momentos emperraram. Fez um som evasivo ao recompor-se.

— Isto calha mesmo bem — disse o conde olhando entre Elias e a sua filha —, porque tenho uma proposta para ambos.

Lady Catriona paralisou. A mente de Elias encravou.

— O Middleton propôs-se hoje reconsiderar a compra das terras — contou o conde à filha.

— Oh! — disse *Lady* Catriona após uma breve pausa. — Que notícia.

— Pelos vistos, ele separou-se de *Lady* Middleton.

— Sim, a MacKenzie falou disso.

— Desconfio de que necessita de mais fundos, para sustentar *Lady* Middleton a viver separada dele em Londres.

Formou-se uma ruga entre as sobrancelhas de *Lady* Catriona.

— O que tem isso que ver comigo e com o senhor Khoury?

Sim, efetivamente o quê?

O conde soou sério.

— Vou ter de tratar do negócio Middleton, como tal sugiro que acompanhes o senhor Khoury a Oxford, em vez de ir eu.

— O quê?! — A senhora falou bem alto, perplexa.

— Sabes tudo o que eu sei e os colegas em St. John têm-te em alta estima — frisou o pai. — Podes apresentar o senhor Khoury, orientá-lo, ajudá-lo até a catalogar os artefactos. Mal me seja possível vou lá ter.

A boca dela tremelicou.

— Os negócios não podem esperar? — conseguiu dizer.

O conde retirou os óculos e esfregou o olho com as costas da mão.

— O Middleton planeia partir para o estrangeiro e está cheio de pressa. Uma nova mulher, calculo. Desculpe-me o mexerico — disse para Elias.

Por norma, Elias teria permitido que o homem mais velho, o da terra, o anfitrião, fizesse as sugestões, mas a mão de *Lady* Catriona cerrou-se num punho dorido com os nós dos dedos brancos assentes na mesa.

— Não me incomoda ficar mais tempo do que o planeado em Applecross — disse ele a Wester Ross, contendo uma vaga de frustração. Para conquistar a confiança e o apoio do professor necessitava de passar tempo com ele.

O conde inclinou ao de leve a cabeça.

— Eu agradeço. No entanto, devo ter de me ausentar de casa por vários dias de cada vez, já que as questões legais do negócio exigem viagens até Glasgow, possivelmente Londres, e não queremos ser motivo de conversa

para os vizinhos, pois não? Em especial, quando *Lady* Middleton está em vias de se infiltrar na sociedade londrina.

— É evidente que não — disse Elias, refletindo, embora lhe escapasse como é que viajar com a filha fosse menos escandaloso do que permanecer a sós com ela no castelo. — Se *Lady* Catriona prefere permanecer em Applecross, então seguirei sozinho para Oxford — sugeriu.

O conde sorriu.

— Agradeço a oferta, senhor Khoury, mas grande parte do seu trabalho tem lugar no Ashmolean... Creio que se sentirá mais confortável e que os seus estudos serão mais eficazes tendo alguém associado à universidade a dar-lhe assistência, para ultrapassar os obstáculos burocráticos e as idiosincrasias.

Nem o tom nem a postura do conde se alteraram, mas ficou bem evidente que Elias não seria deixado sem supervisão numa sala repleta de tesouros. O conde era desleixado, mas não estúpido. Ele moveu-se discretamente como um peão durante quase toda a conversa, para de repente assumir o papel de rainha. Xeque.

Elias devolveu o sorriso ao homem.

— Como queira.

Ambos devolveram a atenção a *Lady* Catriona.

Ela pareceu estar a olhar para lá deles.

— Bem, pelos vistos está decidido — comentou ela ao fim de um frágil silêncio.

— Há outra opção, minha querida — reagiu o conde. — Eu acompanho o senhor Khoury tal como planeado e tu negoceias com os Middleton. Incluindo o honorável Charles.

Ela retesou-se.

— Não — disse baixinho.

— Bem me pareceu — comentou o conde entre dentes. Fez sinal a um dos lacaios para que se preparassem para o último prato.

Lady Catriona comeu a sua sobremesa com trincas delicadas, as suas costas rígidas como um poste, pois fora-lhe dado a escolher entre a peste e a cólera: Elias ou o senhor Charles? Quem diabo era Charles?

Antes de serem levantados os derradeiros pratos, ela retirou o guardanapo do colo e levantou-se.

— Por favor, deem-me licença — disse ela sem se dirigir a alguém em particular. — Tenho de ir tratar dos cordeiros.

Ela saiu, a passada tão apressada que o seu cabelo saltitava a cada passo.

O baque das portas pesadas a fecharem-se após a passagem dela ecoou pelo átrio.

Wester Ross virou-se para Elias, com o seu rosto vincado a revelar-se inescrutável.

— Dou-lhe a minha palavra que ela me substituirá na perfeição em Oxford — declarou. — Não poderia arranjar melhor companhia.

Oh, só que é também uma mulher, pensou Elias. *E detesta em absoluto a minha presença.*

Ele tinha de descobrir onde mantinham os Campbell as suas ovelhas.

Capítulo 3

Nem Bruto a teria traído com maior malvadez. Catriona seguia silenciosamente enfurecida na direção do curral. Num momento, Wester Ross louvava as virtudes da discussão intelectual e no momento seguinte ignorou a agenda dela para a enviar de viagem com um homem que conhecia a forma exata dos seus seios. Passara todo o jantar em sofrimento com as suas entranhas revoltas devido às emoções fortes e agora tinha de se manter presa a ele durante dias?

As suas faces ardentes arrefeceram um pouco quando entrou no curral das ovelhas. O familiar cheiro a palha e lanolina, e os animados *béés* dos cordeirinhos, solidificaram o chão que pisava. O velho Collins estava apoiado no muro caído a branco do último cercado, a conversar com Will, o chefe dos currais. Os homens tinham acabado de distribuir os cordeiros por diferentes cercados; alguns dos animais seriam enviados no dia seguinte para o mercado, os outros seriam tosquiados e libertados de novo nas colinas.

Ela parou ao lado de Collins a olhar para o rebanho.

— O Middleton quer comprar as velhas fronteiras a oeste — anunciou ela.

Collins fitou-a desde a sombra do seu boné castanho engordurado.

— *Aye*.

Então, já tinha havido conversas.

— Acha que é necessário? — quis ela saber.

Os olhos azuis do guarda de caça encheram-se de tristeza. Poucos

escoceses venderiam terras de boa vontade. Will passou cinco dedos pelo seu cabelo louro quando ela o fitou.

Ela expirou com vigor.

— Entendo.

Pelo menos, os seus planos académicos foram perturbados por uma boa causa. Eram sempre as causas valiosas que obstruíam o seu trabalho, certo?

Will transmitiu-lhe o seu relatório semanal sobre os cordeiros. Os preços da lã estavam de novo em queda. Será que a venda da terra valeria mesmo a pena ou seria apenas adiar o inevitável? Com exceção das zonas limítrofes, a propriedade estava ocupada e pouco mais havia a oferecer. Massajou alheadamente a garganta. Qualquer mulher sensível na sua posição já teria largado a caneta há uns tempos para ir pescar um industrial rico para marido. Qualquer pai sensato há muito que a teria incentivado a fazê-lo.

As portas do curral abriram com um chiado e todos se voltaram para espreitar o corredor. A silhueta bem constituída do senhor Khoury surgiu na soleira. Ela sentiu um grande ardor no estômago. O olhar dela deslizou por paredes e vigas antes de incidir com segurança em MacKenzie, que vinha logo nos calcanhars do senhor Khoury quando ele se aproximou.

— Deu com o curral — disse ela, consciente de que a sua voz soara como a de um autómato.

Ele inclinou a cabeça, com um leve sorriso nos lábios.

— *Mrs. MacKenzie* teve a amabilidade de me acompanhar até aqui.

Como o faria qualquer aia decente, caro senhor.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Interessa-se por ovelhas?

— Por fibras e têxteis — disse ele num tom brando. — A minha família dedica-se ao negócio da seda.

— Pensei que fosse académico.

O olhar dele incidiu nos cordeiros do cercado.

— Penso que serei, como é que dizem, a ovelha negra da família — disse ele.

Interessante. Tal modéstia era bastante invulgar na cultura dele. Deve ter prestado atenção aos hábitos ingleses em Cambridge.

O senhor Khoury incidiu de novo a sua atenção nela e o seu olhar direto gerou uma onda de calor pelas pernas dela abaixo. Aqueles olhos de caleidoscópio tinham visto... tudo.

— Posso tocá-los? — pediu ele.

— O quê?

Ele apontou com a cabeça para o cercado.

— Os cordeiros.

— Oh, sim, claro. Se eles quiserem.

Ele estendeu a mão para o cercado e soltou uns silvos suaves, *bzz, bzz, bzz*. De perfil, as suas feições eram-lhe tão atraentes como de frente. O seu nariz forte era digno de um imperador. O seu denso cabelo negro estava cortado rente dos lados e atrás, mas mais comprido em cima, e um caracol desgarrado tombou sobre a testa quando ele olhou para baixo.

— Collins, William — disse ela. — Podem ir aproveitar a vossa noite.

Os homens murmuraram a sua concordância e partiram. MacKenzie cravou visivelmente os seus calcanhares no chão; estava para ficar. Isto era um problema, porque o que Catriona tinha para dizer a Elias não era para os ouvidos da aia. Entretanto, o estranho método do senhor Khoury atraía um cordeiro. Ele arrulhava palavras elogiosas em árabe enquanto os seus dedos morenos afagavam com destreza a pelagem encaracolada. Inesperadamente olhou para Catriona, os olhos a brilhar a verde-mar com genuíno entusiasmo. Como a superfície do mar beijada pelo sol. Estranhamente assustada, ela desviou o olhar.

— É boa lâ — disse ele num tom elogioso.

As bochechas dela estavam extremamente quentes. Ele pronunciou *lâ* como um francês. Por vezes também entoava como um deles; ela não necessitou do seu treino de linguista para perceber. Ele era demasiado sofisticado para estar no curral dela, com o seu nariz altivo, vogais francesas e fato inglês, apesar de a postura lânguida indicar que se tratava de um homem à vontade com o seu corpo, fosse onde fosse. Isto deixou-a tremendamente consciente das suas botas feias de solas grossas, do modo como era incapaz de encontrar uma posição para os braços; da sua voz monótona, da pontada de dor quando tentou sustentar o olhar dele. *Maldita fáiſca*.

Ela puxou os ombros para trás.

— Senhor Khoury, é mesmo observador de aves?

Dado que não havia como escapar a MacKenzie, dirigiu-se a ele em árabe. O senhor Khoury largou o cordeiro e fitou-a com uma expressão atenta.

— Há... — *Sim*.

MacKenzie bufou em reprovação face à mudança de língua.

Catriona ignorou-a.

— Então, a sua presença no lago esta tarde foi pura coincidência?

Ele arqueou bem alto as suas sobranceiras, como se a audácia dela ao mencionar o que não era mencionável o tivesse chocado. Ergueu as mãos.

— Juro — disse —, eu observo aves de rapina.

— Entendo. De qualquer modo, temos de discutir a nossa situação.

O senhor Khoury espreitou para MacKenzie, que também se resignara a ignorá-los.

Ele aproximou-se um pouco.

— Vim aqui para conversar consigo. Poupá-la-ia a esta viagem se pudesse.

O odor rico dele provocou o nariz dela, quente e amadeirado como o sol vespertino num dia seco de verão. Antes, ao longo de toda a refeição, baralhara-lhe por completo a mente.

Ela ajustou os óculos.

— Viu-me numa situação terrivelmente comprometedora — disse ela, declarando o óbvio. — Devemos fingir que nunca aconteceu, só que aconteceu, e ambos o sabemos. Sabemos que se trata de uma situação escandalosa.

O canto da boca dele soergueu-se.

— É verdade. De onde venho, a esta hora já estaríamos casados.

Saiu um som ofegante da garganta dela.

Ele moveu as mãos num gesto apaziguador.

— Era uma piada — explicou. — Perdoe-me.

O tom dele era estranhamente leve — havia um quê de verdade no gracejo dele.

— Felizmente, tudo o que nos é solicitado é que viajemos juntos até Oxford — disse ela descontraidamente, sentindo o rubor a subir-lhe pelo pescoço. — Lá vou apresentar-lhe lugares e cavalheiros de relevo, então devemos manter a nossa distância.

— Naturalmente — concordou de pronto.

— Gostaria de partir depois de amanhã.

Ele viajara ao longo de uma semana para chegar a Applecross, mas nem pestanejou.

— Como quiser.

— Por fim, gostaria que viajássemos sempre em compartimentos diferentes para evitar o embaraço de andarmos em bicos de pés em redor da nossa situação. — *Bicos de pés* foi proferido em inglês.

O senhor Khoury assentiu com a cabeça, mas agora deu a ideia de estar a morder as bochechas para conter um sorriso.

O seu comportamento afável era perturbador. Estaria a ser demasiado afetada? Era fácil para ele sentir-se assim, supôs ela. *Não é nada que eu nunca tenha visto*. Haveria uma Mrs. Khoury no Monte Líbano ou não passava ele de um libertino? Irradiava a vitalidade de um jovem saudável e ativo, mas os vincos suaves em redor dos olhos sugeriam que já teria mais de vinte e cinco

anos. Provavelmente seria casado e tal pensamento agitou ainda mais o seu estômago já afetado. Patético. Como se o estado marital deste homem tivesse algum interesse para ela. Seguiu-se um silêncio revelador, até irromper um necessitado *bééé* vindo do cercado que pôs fim à tensão. O cordeiro ainda ali estava, observando o senhor Khoury enquanto agitava as orelhas. Também isto pareceu diverti-lo. Provavelmente, estaria habituado a descaradas chamadas pela atenção dele, mais uma boa razão para o ignorar em absoluto. Ela sentiu como se a atenção *dele* tivesse permanecido apontada às costas dela como uma seta, enquanto se afastava em passada larga.

A presença dele manteve-se com ela. Catriona escovava o cabelo para se deitar no seu quarto na torre parcamente iluminado e ainda sentia o rosto em brasa, como se tivesse passado demasiado tempo ao sol. Ainda sentia um aperto no estômago com uma expectativa difusa e ansiosa. Conhecia esta sensação. Já a sentira três vezes antes, começando com Charles Middleton e terminando com o cunhado da sua melhor amiga, Lorde Peregrin. Três vezes bastou para criar um padrão, e o padrão revelou que ligações românticas não era algo para ela. Para ser justa, não foi uma ligação romântica que lhe ocorreu ao imaginar as mãos destramente afagadoras de Elias Khoury; em vez disso, algo bem no fundo dela agitou-se, como um prisioneiro esquecido numa cela quando a luz entra. Como se a paixão dela ainda permanecesse acesa e houvesse a esperança de que ainda não dera o derradeiro beijo. Isto tinha de ser rapidamente empurrado para longe. As falsas esperanças eram dos truques mais cruéis e desperdiçadores de tempo que os humanos jogavam consigo próprios.

Pousou a escova no toucador. No espelho, o seu rosto apresentava uma forma plácida e pálida. Uma breve tensão entre as sobrancelhas era a única indicação de agitação interna. Era por isto que as pessoas a achavam tão descontraída e composta, quando na verdade simplesmente sofria de uma falha na ligação entre as suas emoções e os músculos faciais. Escondia uma multitude de pecados.

Atrás dela, MacKenzie parou de levar carvão em brasa da lareira para o aquecedor da cama e espreitou para ela.

— Vai ser agradável voltar a ver as suas amigas de Oxford, certo? — disse ela num tom brando. Sabia que Catriona não apreciava alterações súbitas à sua agenda.

— Penso que sim — disse Catriona, abrindo um frasco com creme de alfazema. — Sinto saudades delas, claro. Infelizmente, destrói todas as esperanças que tinha de escrever o livro.

— E porquê?

— As minhas amigas estão em Oxford porque a nossa campanha exige uma coordenação precisa até o parlamento voltar a reunir e ouvir a nossa proposta. — Aplicou creme fresco às bochechas. — O que quer dizer que assim que eu voltar vão chamar-me para intermináveis banquetes de bolos e trabalho sufragista.

Entre isso e dar apoio a Elias Khoury, bem podia dizer adeus às suas reflexões.

MacKenzie franziu o sobrolho.

— Pensei que o Duque de Montgomery tinha levado a Lei de Propriedade à Câmara dos Lordes há uns meses. Que outro trabalho sufragista podem atribuir-lhe agora?

— A Câmara dos Lordes era um grande obstáculo, mas ainda há os membros do parlamento na Câmara dos Comuns. Se não os convencermos a votar em nosso favor até ao final do verão, todo o nosso trabalho de anos terá sido em vão. A Lucie *arranjará* uma tarefa para mim.

E dado que a Causa era mais importante, e Lucie, Annabelle e Hattie eram as irmãs que nunca teve, iria fazer o impossível para encaixar tudo na sua agenda.

MacKenzie abanava a cabeça; na sua opinião, o sufrágio das mulheres era uma ideia sofisticada da pequena nobreza para a pequena nobreza. Fechou a tampa do aquecedor da cama e baixou-se.

Catriona ergueu-se.

— Espere.

Quando tentou tirar a panela a MacKenzie, a idosa fez um gesto brusco com a cabeça. Catriona ficou ali parada de mãos a abanar enquanto MacKenzie empurrava o aquecedor de cama por baixo da roupa. Todos os anos desde o quinquagésimo aniversário de MacKenzie, Catriona oferecia-lhe a reforma antecipada e gerava sempre a mesma resposta: um educado *obrigada* e um olhar que inquiria *E depois quem toma conta de si?* MacKenzie vivia na aldeia de Shildaig, mas sempre que Catriona vinha para ficar regressava ao castelo durante a semana, a não ser que uma das suas filhas tivesse um novo bebé. Até hoje, MacKenzie parecia ter dificuldade em separar a Catriona de nove anos, que perdera recentemente a mãe, da mulher adulta em que se tornara.

— Tenho de treinar o meu árabe — comentou Catriona. — A presença do senhor Khoury dá-me jeito para treinar.

Era tanto um pedido de desculpa como uma explicação para ter excluído MacKenzie da conversa anterior no curral.

MacKenzie arqueou as sobrancelhas sem tecer comentários.

A carruagem deles partiu do pátio ao amanhecer, com a bocejante MacKenzie do lado oposto a desempenhar o papel de aia. O ar no interior da carruagem era frio e húmido. Ambas as mulheres envergavam robustos vestidos e casacos de *tweed* cinzentos para se protegerem do pó de carvão e do ar gelado durante os dois dias de viagem. Catriona aconchegou-se bem no seu xaile, enquanto o castelo ia diminuindo na janela traseira raiada pela chuva. *Inspirar fundo.*

— Que estranha personagem se revelou este senhor Khoury — realçou MacKenzie, com o seu rosto sulcado voltado para a paisagem enevoada no exterior. — Insistiu em viajar ali em cima com o carroceiro, com este tempo.

O senhor Khoury estava efetivamente lá em cima, com o rosto molhado, de certa forma protegido face aos elementos por um sobretudo impermeabilizado emprestado. Tal como combinara, mantinha-se afastado de Catriona. Também deveria ser a opção preferível para ele, disse a si mesma. Não importa que a hospitalidade seja sacrossanta na cultura árabe e que entre a mudança de planos de Wester Ross e os requisitos dela lhe tenham propiciado uma péssima experiência enquanto visitante.

MacKenzie fitou-a com um olhar penetrante.

— A Mary diz que ele bebe vinho — comentou. — Pensei que os Turcos não bebem vinho.

— A terra dele faz parte do Império Otomano Turco, mas ele não é turco — esclareceu Catriona.

— Mas fala árabe — frisou MacKenzie. — Disse que era árabe.

— *Aye*, e os Turcos falam turco. Seja como for, creio que o senhor Khoury é maronita... uma espécie de católico. — Enquanto católica, deu-lhe alguma perspetiva sobre a crença dele, embora tanto ela como Wester Ross já há uns anos que tendessem para o agnosticismo.

A companheira de viagem dela fez uma careta.

— Um católico com nome árabe?

— Khoury é a versão arabizada de *curia*, palavra em latim para *padre*. O nome dele significa literalmente padre.

— É muito estranho — insistiu MacKenzie. — Um católico, da Arábia.

— Ele é do Levante — disse Catriona, bocejando. — A região faz fronteira com o Mediterrâneo e alberga lugares como Antioquia, Belém, ou Jerusalém...

Um silêncio confuso.

— MacKenzie — disse Catriona —, de onde acha que vem o Cristianismo? MacKenzie fungou com indiferença como se tivesse entendido desde o início.

— O povo do senhor Khoury data dos tempos em que diferentes ramos da fé se formaram, e só adotaram a língua árabe no século IX, quando se tornou evidente que a conquista muçulmana estava para ficar e o árabe se tornou na língua franca — explicou Catriona, desenvolvendo o assunto. — Ainda falam uma forma de aramaico, chamado siríaco, que...

O olhar alarmado de MacKenzie foi impossível de não detetar — uma lição não solicitada de linguística, estando enclausurada numa carruagem, não era a sua ideia de um grande passatempo.

— ...o que significa que o senhor Khoury pode beber tanto vinho quanto desejar — concluiu abruptamente Catriona.

— Vou dormir uma pequena sesta — anunciou MacKenzie.

Catriona abriu a parte de cima da janela da carruagem, deixando entrar no compartimento o ar puro e húmido. Ao longo de uns quilómetros chocalharam caminho fora em silêncio, subindo pelo único caminho de saída de Applecross, uma estrada estreita através de uma vasta e verde extensão de terras. Ovelhas pontuavam as encostas circundantes. Por vezes, a superfície prateada de um lago cintilava num vale entre colinas. Um dia, grande parte destas terras seriam dela. Agora estavam a preparar uma venda aos Middleton.

Quando alcançaram o ponto mais elevado da passagem, MacKenzie despertou da sua sesta.

— Já passaram quase dez anos — disse ela depois de uma espreitadela sonolenta ao exterior. — Serão mais de nove anos, suponho, desde que o Wester Ross nos enviou pela primeira vez, com este tempo.

Catriona cingiu mais o seu xaile.

— Eu lembro-me.

Wester Ross enviara-a para longe de Applecross depois do seu comportamento ridículo com Charles Middleton, fracasso romântico número um.

MacKenzie retirou o cantil de chá do cesto de mantimentos.

— Ouvi dizer que ele ficou noivo recentemente.

— Sim, ficou.

Ele ostentara o anúncio no *Glasgow Herald* há um mês. Acompanhar o senhor Khoury a Oxford era preferível a negociar acordos sobre terras com Charles, pois isso exigiria ter de o enfrentar pessoalmente, e não duvidava de

que ele se tornara num jovem completamente feliz e equilibrado, enquanto ela, bem, continuava a ser ela própria.

Chegaram à estalagem com estábulos em Glasgow por altura do pôr do sol, após uma longa viagem de comboio por uma via-férrea sinuosa. Se o senhor Khoury estava chateado com a viagem ao relento disfarçou bem — desceu da carruagem com um olhar bem vivo e muito bem arranjado. Ajudou Catriona e MacKenzie a descerem e ficou para trás de modo a vigiar a descarga das bagagens. Catriona e MacKenzie seguiram à frente para garantir alojamento. No interior da velha estalagem, o ar era pesado e estagnado como o fumo de cigarros baratos. O balcão da receção ficava a meio do corredor estreito, cercado por uma fila. Cantorias desafinadas e gargalhadas zurradas vinham desde o bar; um ambiente frenético jorrava pelas portas de vaivém que revelavam uma multidão intoxicada de gente da terra. A fila na receção avançava lentamente; iriam ficar encurralados na barulheira por algum tempo.

— Todos os quartos do piso superior estão reservados — informou a rapariga atrás do balcão ao primeiro casal da fila.

MacKenzie resmoneou.

— Um quarto lá em cima seria melhor — murmurou.

Mais seguro teria sido, sem dúvida. Deveriam ter ficado num hotel na cidade.

A porta da entrada voltou a abrir-se e apareceu o senhor Khoury. Nesse momento, o ruído do bar intensificou-se e três homens saíram aos tropeções para o corredor, tipos de pescoços largos, mangas enroladas para cima, a luz dos candeeiros a gás a reluzir nas suas cabeças calvas. Aproximaram-se do balcão da receção. Catriona olhou diretamente para o balcão. Olhares atentos fitaram o seu corpo de alto a baixo, levando a pele dela a contrair-se com o desconforto. Os homens espremeram-se a passar pelas costas dela num silêncio significativo. Até um deles lhe tocar com os lábios. Grossoiro. A mão dela cerrou-se num punho agarrando a saia. Foi nojento ser escolhida para entretenimento casual, mas o assédio foi demasiado subtil para poder ripostar, alegariam que fora imaginação dela. Um movimento no canto do olho chamou-lhe a atenção de novo para o senhor Khoury. Caminhava em passadas largas com a determinação predatória de um grande felino, o seu olhar estreitado bem focado nos homens que desapareciam ao fundo do corredor. Um arrepio percorreu o pescoço dela. Agora pareceu-lhe um homem muito diferente, todo o charme tinha desaparecido. Terá sentido o olhar dela, pois fitou-a e a sua expressão sombria sumiu.

— *Demoiselle* — disse ele, sorrindo. — A bagagem será levada diretamente aos nossos quartos.

Colocou-se junto dela, com os seus ombros a bloquear quaisquer olhares obscenos para trás. A tensão no pescoço dela suavizou-se, como se o seu corpo soubesse que estava seguro abrigado pelo dele.

Ela já respirava, inalando inevitavelmente o seu aroma agradável.

A ver pela escalada do ruído, o bar preparava-se para uma briga. A mulher diante deles finalmente recebeu a sua chave.

O senhor Khoury baixou a cabeça, até junto do ouvido dela, e disse:

— Peça dois quartos anexos.

De pronto, o ombro redondo de MacKenzie enfiou-se entre eles.

— E porque é que a minha senhora haveria de fazer tal coisa, jovem senhor? — exigiu ela saber.

Ele endireitou-se e olhou para a frente e para trás entre elas.

— Na eventualidade de haver problemas — frisou ele —, batam na parede partilhada para me avisarem.

— Problemas — disse MacKenzie, falando de forma arrastada —, que problemas? Este é um adequado e civilizado estabelecimento escocês.

Um rugido e o som de vidro a partir irromperam pelo corredor, seguidos de aplausos. Na sua senda deu-se uma gritaria. Algo ou alguém foi atirado por uma janela. MacKenzie olhou estoicamente em frente, como se nada tivesse ouvido.

Os olhos do senhor Khoury brilharam com ironia.

— Bem, assim sendo — disse ele —, se aparecerem à vossa porta alguns cavalheiros *civilizados*, estarei ao vosso dispor.

Catriona assentiu ao de leve com a cabeça, sentindo os joelhos a vacilar um pouco. A forma como ele a fitou era ambígua, como se ponderasse namoriscar um pouco. As duplas fileiras negras das suas pestanas emolduravam-lhe os olhos como traços de *kohl*. Poderia ter dado um ar feminino, mas no rosto dele não foi assim. Uns momentos antes, quando fitara os três homens, a mão direita dele assentara na anca esquerda com uma descontração instintiva. Era praticamente certo que estaria armado. Ela pediu dois quartos adjacentes.

O quarto era frio e a roupa da cama poderia ou não ter sido lavada. De vez em quando o soalho tremia quando as pessoas passavam em passos pesados no corredor, despertando por completo Catriona. Fechara e trancara a porta, mas os encaixes da fechadura estavam algo soltos. Talvez devesse começar a andar armada, como Lucie.

MacKenzie rolou na cama, abanando o colchão.

— O senhor Khoury foi muito atrevido ao pedir assim um quarto junto ao nosso — comentou.

— As intenções dele foram honradas — disse Catriona, virada para a parede.

— De que nos serviria? — resmoneou MacKenzie atrás dela.

— Como assim?

— Seria ele capaz de lutar com um rapaz de Glasgow? É um académico. A coisa mais pesada em que pega são livros velhos.

Um académico que se move como um soldado quando há sinais de problemas. Era estranho.

— Eu cá apostaria no senhor Khoury — disse ela baixinho. — É sem sombra de dúvida o académico menos académico com que alguma vez me cruzei. Há nele algo que não bate certo.

— Não o estude com demasiada atenção — aconselhou MacKenzie após uma pausa.

— Boa-noite, MacKenzie.

Sentia a bochecha quente contra a almofada. Imaginara-o do outro lado da parede fina. Será que se despiria para se deitar e ficaria de barriga para cima apenas com uma camisa de algodão colada ao corpo? Será que permaneceria calçado como um verdadeiro soldado? O corpo dela estava tenso enquanto tentava apagar as imagens interditas. Raramente sentia o impulso de tocar em pessoas e preferia não ser tocada, mas com aquelas poucas pessoas cintilantes foi diferente. Entre despertar e sonhar, as pontas dos dedos dela sentiram-se curiosas em relação a ele, em relação à sensação dos seus lábios macios, à textura do cabelo. Devia ser mais respeitosa com ele, mais ciente do seu comportamento. Afinal de contas, era uma senhora e ele nunca deveria embará-la. No dia seguinte voltaria a tentar.

Sonhou que ele ficou do lado de fora da porta, de braços cruzados sobre o peito, os calcanhares bem fixados no chão enquanto observava a vastidão envolvente com o seu olhar semicerrado, e não ficou claro se ele a protegia ou se a mantinha cativa.